

# Devedores não formarão cartel

CARTAGENA — O encontro dos países devedores latino-americanos que começa hoje a nível técnico e quinta-feira passará ao nível ministerial, não deverá levar à formação de um "clube" e tampouco vai negar os compromissos financeiros já assumidos.

Embora esteja previsto o estudo de ações coordenadas com o objetivo de obter maior flexibilidade no pagamento da dívida, o Brasil fixou antecipadamente sua posição para que cada país negocie bilateralmente. O México também rechaça a idéia de um "clube" e propõe a negociação individual.

Onze países confirmaram sua presença no encontro de Cartagena, que também dará uma resposta ao recente documento dos sete países mais industrializados, divulgado em Londres. Nove dos países que se reúnem nesta cidade colombiana são responsáveis por 90% da dívida da América Latina, avaliada em US\$ 350 bilhões.

## DIVERGÊNCIA

A conferência tem início logo depois da decisão da Bolívia, Equador e República Dominicana de suspender o pagamento de suas dívidas. Ao mesmo tempo, outros países não aceitaram as condições impostas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) para aplicar programas de austeridade, aumentar preços de combustíveis e reduzir os investimentos em programas sociais.

Enquanto isso os Estados Unidos retiraram a garantia sobre um empréstimo de US\$ 300 milhões à Argentina, que espera a resposta do FMI para sua proposta unilateral de reorganização econômica. O Chile



Arquivo

## Betancur: discutiremos também as dificuldades comerciais

anunciou que solicitará ao Fundo a redução das exigências de austeridade para poder reativar os empregos.

O presidente da Colômbia, Belisario Betancur, explicou que a reunião não está destinada a formar um "clube de devedores", pelo contrário, o objetivo é buscar mecanismos que permitam o pagamento das obrigações: "Não vamos estudar somente o problema do endividamento externo, mas também as dificuldades comerciais que impedem a geração de divisas para que os devedores possam cumprir seus compromissos".

## ESTADOS UNIDOS

O governo e os bancos norte-americanos, os mais ameaçados por

uma eventual interrupção de pagamentos da dívida externa, serão expectadores de primeira fila da conferência. A posição dos Estados Unidos e que recebeu apoio na reunião dos países mais industrializados há quinze dias em Londres, é de que cada país deve negociar em separado, após a realização de acordo com o FMI.

Difícilmente os Estados Unidos mudarão seu ponto de vista, dizia-se ontem em Washington. Os bancos norte-americanos já adotaram a política de conceder maiores prazos e de reduzir os juros para os países que cumprirem os compromissos assumidos com eles e com o Fundo.